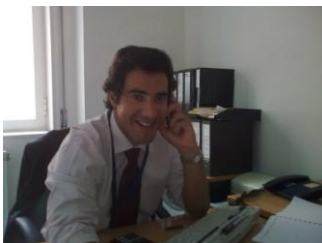


Viriato – o primeiro defensor da liberdade lusitana

Por: José Carlos Fernandes Pereira
Presidente
AAAEDF – Associação dos Antigos Alunos do Externato Delfim Ferreira
jcarlospereira@gmail.com



VIRIATO viveu na segunda metade do séc. II a.C., entre os anos 179 e 139 (a.C.).

Ignora-se o local do seu nascimento (Alentejo, a norte do Tejo...), qual era a sua família, onde e como viveu a sua infância. Encontram-se algumas referências à sua juventude, passada nas montanhas e sabe-se que casou com a filha de um rico proprietário (Astoplas) do vale do Tejo.

VIRIATO foi um dos afortunados que sobreviveu à chacina perpetrada pelo pretor Sulpício Galba, após este, em 150 a.C. ter traído uma proposta de paz, na qual se incluiu o desarmamento dos lusitanos.

Desarmados os lusitanos, Galba recua a sua palavra e ordena a chacina em que foram massacrados cerca de 10 mil lusitanos e enviados para a Gália outros 20 mil, a fim de serem vendidos como escravos.

Salvou-se VIRIATO.

Já sob a liderança de VIRIATO, ocupando o território entre o Douro e o Tejo, o povo lusitano renuncia à civilização e dá continuidade à guerrilha iniciada anos antes (193 a.C.) na resistência à

escravidão imposta pela hegemonia do Império Romano.

Referido por historiadores desde o século I a.C. (historiadores greco-romanos como: Apiano, Políbio, Posidónio, Diodoro ou Tito Lívio), VIRIATO é um dos grandes símbolos da primeira tentativa autóctone lusitana (Lusitânia) de resistência organizada contra a ocupação romana da Península.

Líder, patriótico e lutador pela liberdade sobre a civilização, VIRIATO é considerado por historiadores como um herói puro e justo, um verdadeiro político, sóbrio e enérgico, fiel à palavra dada, excelente estratega militar, chefe eleito dos lusitanos que, querendo sempre ir mais além, deu a sua vida pela **liberdade**. VIRIATO, esse bravo, forte, patriota, magnânime e amado chefe dos antepassados lusitanos, nunca vencido, nunca humilhado, desprezava o luxo e o conforto.

O historiador grego Diodoro definiu-o como um homem que *"considerava a auto-suficiência a sua maior riqueza, a liberdade a sua pátria, e a sua superioridade, que lhe advinha da coragem, a sua mais segura posse."*

Luís de Camões, no Canto VIII dos Lusíadas, refere-se desta forma a VIRIATO:

"Este que vês, pastor já foi de gado;

VIRIATO sabemos que se chama,

Destro na lança mais que no cajado;

Injuriada tem de Roma a fama,

Vencedor invencível, afamado.

Não tem com ele, não, nem ter puderam

O primor que com Pirro já tiveram."

VIRIATO possuía grandes capacidades diplomáticas e de estratégia militar. Mobilizou todos os povos vizinhos contra Roma e uniu sob o seu comando e direcção um corpo de guerreiros oriundos de diversas tribos, não havendo nenhum registo de indisciplina durante os oito anos que duraram as suas campanhas (Apiano).

VIRIATO é também definido como homem resiliente. Liderou campanhas heróicas acoessando e derrotando o exército romano.

Em 147 a.C. VIRIATO impõe uma estrondosa vitória no desfiladeiro de Ronda, entre a planície do Guadalquivir e a costa andaluza, tendo morto o líder romano Vetílio. Destroçou as tropas de Cayo Pláucio e de Cláudio Unimano (governador da Hispânia Citerior) e, em 145 a.C. volta a derrotar as tropas romanas de Caio Nigidio.

Enfrentado por duas legiões comandadas por Quinto Fábio Máximo, VIRIATO acaba por vencer e, em 142 a.C., fá-las refugiar-se em Córdova, juntando à revolta as tribos celtibéricas.

Dois anos depois, em 140 a.C., VIRIATO volta a derrotar e encurrala os romanos. Por compaixão, em troca de promessas e garantias da conservação dos territórios conquistados pelos lusitanos, permite a libertação das tropas encurraladas e do respectivo cônsul Fábio Máximo Serviliano, tendo ainda recebido o título de *Amicus Populi Romani*, usualmente dado a reis bárbaros aliados de Roma.

Humilhado e vexado com a vitória dos lusitanos, o Senado de Roma volta atrás, rompe tréguas e declara guerra a VIRIATO, na intenção de esmagar a resistência, numa fase em que o exército lusitano já se encontrava diminuído e exausto.

Com o exército lusitano no limite das suas capacidades, VIRIATO em 139 a.C. refugia-se entre Cáceres e Badajoz ("monte de Vénus"), a norte do rio Tejo.

VIRIATO envia os seus melhores amigos, Audax, Ditalkon e Minuros, como emissários para negociar a paz com o governador romano Servílio Cipião. Estes, no regresso, aliciados por honras e dinheiro, traem e assassinam VIRIATO na sua tenda, durante a noite, enquanto este dormia.

Após terem traído e assassinado VIRIATO, os três emissários vão reclamar o seu prémio junto de Servílio Cipião, ao que este ordenou a sua execução e exposição em praça pública com os dizeres "Roma não paga a traidores".

Após a morte de VIRIATO, dá-se início à ocupação do extremo ocidental da Hispânia pelos romanos. Mais nenhuma acção posterior dos lusitanos teve a mesma importância e amplitude.

A luta de VIRIATO leva-nos a reflectir quão precioso e inerente ao indivíduo e ao colectivo dos povos é o conceito de "liberdade".

Liberdade é a ausência de submissão ou nunca fazer o que não se quer. É condição para a Verdade e para a virtude.

De certa forma, poder-se-á afirmar que já o Código de Hamurabi (rei da Babilónia), de 1700 a.C., ao distinguir a sociedade entre escravos e homens livres e ao proteger a propriedade, a família, o trabalho e a vida humana, tinha já intrínseca uma ideia de liberdade.

O seu conceito encontra-se presente em muitos textos legais e em escritos de muitos pensadores contemporâneos.

Na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, o conceito de liberdade está limitado pela responsabilidade pelo seu recto uso – *"tudo o que não seja nocivo a terceiros"* – ou restringida com as limitações que decorrem da lei – *"a lei apenas pode proibir aquelas acções que sejam nocivas à comunidade"*.

O movimento liberal realizou, entre outros, os direitos e liberdades individuais, fundamentando o poder na liberdade dos políticos de modo a que este assegure a

cada um o gozo dos seus direitos e liberdades em segurança.

No Tratado Teológico-Político, Espinoza (1632-1677) fundou a liberdade individual na necessidade de protecção mútua e elevou-a a primeiro valor moral e político, conciliando o dever de obediência às leis do Estado com a liberdade de pensamento: o Estado não tem como finalidade a dominação do homem pelo temor, mas sim a sua liberdade.

Com o liberalismo inglês passa a promover-se o binómio liberdade-propriedade, desvalorizando-se a concepção filosófica dos direitos do homem.

Os homens são naturalmente proprietários da sua liberdade individual, como são proprietários do destino e da autonomia individual. Esta teoria teve, no séc. XVIII, bom acolhimento em Portugal, mantendo-se mesmo depois da revolução de 1820.

Victor Hugo definiu liberdade n'Os Miseráveis (1862) como a *soberania de mim e sobre mim*. E, juntamente com o Estado, a Igualdade e a Fraternidade, considerava a Liberdade como base da Sociedade.

Na actualidade, a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), afirma no art. 1.º que *"todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos"* (art. 1.º), tendo total acolhimento no catálogo dos Direitos, Liberdades e

Garantias da Constituição da República Portuguesa (art. 27.º) e em várias constituições de estados organizados democraticamente.

Albert Einstein considerava a liberdade como um dos "*maiores bens da evolução intelectual europeia*", defendendo a liberdade de pensamento, sentimentos e acção como terreno fértil onde tudo o que fosse criativo pudesse germinar, já que "*apenas o homem livre chega às descobertas e valores intelectuais que nos permitem entender a vida como algo precioso*".

Nesta mesma linha, Antoine de Saint-Exupéry escrevia em Cidadela:

"Eu hei-de esculpir o futuro ao jeito do criador que extrai a obra de mármore a golpes de cinzel. (...) Liberta o homem e ele criará".